

AVS CPM 333A
BIBLIOTECA
Jornal A Tarde
Data 05/04/96
Codorno J-
Página 8
Seção Reportagem
Assunto Favelização



Ao lado dos grandes conjuntos residenciais ao longo da Avenida Paralela, a favelização inclui moradias de baixa renda

Favelização de Salvador é hoje fenômeno irreversível

Nas últimas duas décadas, Salvador experimentou transformações que muito influenciaram seu ritmo de vida. A população praticamente dobrou de número, passando hoje a quase três milhões de habitantes. Núcleos habitacionais nascidos timidamente a partir de meados dos anos 70, como Imbuí e Mussurunga, ganharam status de bairro por reunirem milhares de famílias que atraem para sua área residencial volume crescente de serviços. Bairros outrora eminentemente residenciais, como Barra, Pituba e Rio Vermelho, viram o bucolismo perder espaço para o intenso comércio e os congestionamentos de trânsito.

O surgimento de Cajazeira, da Fazenda Grande, Águas Claras e da Fazenda Coutos (no subúrbio) é sinal claro da interiorização na ocupação da cidade, feita predominantemente por famílias de baixa renda que habitam conjunto populares ou invasões. A jornada diária dos que trabalham ou estudam inclui deslocamento de ônibus em longas distâncias até as regiões mais dinâmicas, onde está o Comércio, o Centro da cidade e trecho inicial da orla oceânica. Itapuã, um dos últimos redutos dos que procuravam tranquilidade absoluta à beira-mar em áreas de antigas fazendas, tem hoje como vizinhos moradores das invasões No-

va Brasília, Alto do Coqueirinho, Malvinas e São Cristóvão. Estes bolsões de pobreza retratam bem a carência de uma política de saneamento e habitação diante do crescimento demográfico da cidade.

ADMINISTRAÇÕES REGIONAIS

O gerente de informações do Centro de Planejamento Municipal (CPM), Francisco Lessa, disse que Salvador tem hoje 17 Administrações Regionais (ARs), sendo uma delas instalada na Ilha de Maré, representando 36 ilhas banhadas pela Baía de Todos os Santos. Destacou como um dos grandes incentivadores à interiorização da ocupação da cidade a construção da Avenida Paralela, em cuja área de influência multiplicam-se os conjuntos habitacionais populares como o Trobogy, Paralela Park, Aldeia das Pedras, Condomínio Asa, Flamboyant e a própria Mussurunga, já próxima ao Aeroporto Internacional Dois de Julho. A facilidade de deslocamento proporcionada pela Avenida Paralela vem nos últimos anos estimulando

inclusive a ocupação de áreas fora dos limites urbanos. Hoje é comum pessoas que trabalham ou estudam em Salvador utilizarem Lauro de Freitas como cidade-dormitório.

Também quase nos limites ao norte da capital está a região de Stella Maris, cuja ocupação mais acentuada começou na década passada e hoje reúne inúmeros condomínios horizontais e casas de alto padrão, habitados em boa parte por famílias que não viram mais muitos atrativos na orla marítima entre a Barra e Itapuã. Praias mais limpas e maior tranquilidade foram dois fatores importantes para este deslocamento, facilitado, especialmente pela duplicação da Avenida Otávio Mangabeira, na década de 80. Outro sinal da busca de maior tranquilidade e privacidade à beira-mar é verificado no número crescente de condomínios fechados ao longo da orla, a exemplo do Jardim Piatã, Aldeia Jaguaribe e Condomínio Plakinha (o primeiro deles). Mas isto não impediu o surgimento de núcleos de pobreza e até bolsões de miséria ao seu redor.

Bairros estão saturados

Saturados há um bom tempo, bairros tradicionais como Nazaré, Campo Grande, Saúde, Garcia, Bonfim, Ribeira e Monte Serrat não chegaram a experimentar a degradação sofrida nos últimos anos pelo subúrbio ferroviário. Isto se deve em parte à impossibilidade de aquelas áreas se expandirem, segundo Francisco Lessa. Várias famílias da Península Itapagipana, por exemplo, buscaram Cajazeira e Fazenda Grande como moradia alternativa. No subúrbio, antes predominantemente ocupado em sua faixa litorânea, existe hoje a ocupação maciça e crescente de áreas de risco, de terreno acidentado e desprovidas de infra-estrutura urbana.

Por sua vez, na Barra e Pituba uma das principais preocupações é com a falta de segurança. Delinquentes que lá atuam visam sobretudo moradores e freqüentadores abastados que vão aos bairros em busca de lazer, sobretudo à noite. O arquiteto da AR VIII (instalada na Pituba), Paulo Marcos, citou como exemplo da busca de maior tranquilidade o deslocamento gradativo de moradores da Pituba para o Caminho das

Árvores e, posteriormente, Vilas do Atlântico (em Lauro de Freitas mas que reúne parcela substancial de moradores da capital). Barra e Pituba são muito visadas, inclusive por *puxadores* de veículos, traficantes, prostitutas e travestis, dado o grande número de bares lá existentes.

Um exemplo claro de infra-estrutura urbana incompatível com o crescimento demográfico da Pituba é o subdimensionamento da rede de drenagem ao longo da sua principal artéria, a Avenida Manoel Dias da Silva. Bastam alguns minutos de intensa chuva, e diversos trechos ficam alagados, pois a rede foi implantada ainda na década de 70 e apenas ações paliativas foram feitas de lá para cá, segundo o engenheiro civil Luciano Valadares, também da AR VIII. O congestionamento de trânsito é também outro sério problema do bairro, agravado pelo fato de muitas ruas estarem fechadas por blocos de concreto, a exemplo da Amazonas, Paraiba e Piauí. Sinal de que seus moradores querem privacidade numa área que há muito perdeu o sossego devido ao seu crescimento natural.

Crescimento desordenado

Dados do Centro do Planejamento Municipal (CPM) apontam que no século XVI Salvador tinha apenas oito mil habitantes concentrados basicamente na área onde foi fundada a capital, próxima ao Centro da Cidade e Comércio. No século XVIII, a população passou a 15 mil, pois foram ultrapassados os limites da antiga Salvador, e a pesca da baleia na região de Itapuã se consolidou, atraindo muita gente. No século XVIII, Salvador passou a ter cerca de 40 mil moradores e no século XIX, 175 mil. É que surgiram muitas fazendas, tanto na orla oceânica como no miolo da cidade.

Na década de 70, a capital con-

tava com um milhão de habitantes devido a maior interiorização de sua ocupação. Em 1976, o número de moradores subiu para 1,57 milhão de pessoas devido inclusive à presença da Avenida Paralela, Rodovia CIA/Aeroporto e o início da ocupação de áreas como Cajazeira, Fazenda Grande, Mussurunga e outras. A área do Cabula, hoje rica em conjuntos habitacionais populares, abrigou outrora grande número de chácaras e sítios e a construção do Shopping Iguatemi e da nova Estação Rodoviária estimulou muito a fixação humana em toda a sua área de influência.